

“Deus escolheu as coisas loucas deste mundo”: pentecostalismo, glossolalia e loucura

“God Hath Chosen the Foolish Things of The World”: Pentecostalism, Glossolalia and Madness

Eduardo Gusmão Quadros¹
Fabio de Sousa Neto²

RESUMO

As relações de poder e saber demarcadas nas tensões entre pentecostais e os grupos herdeiros da Reforma são apresentadas em termos de diferenças epistemológicas. A rejeição da experiência pentecostal se assenta em pressupostos racionalistas que podem ser percebidos a partir dos conceitos foucaultianos e que revelam a suposta hierarquização do conhecimento questionada pela perspectiva analítica da decolonialidade. Esse artigo estuda discursos do movimento pentecostal onde a matriz cientificista é introduzida para depreciar ou para legitimar fenômenos religiosos marginalizados, a exemplo da glossolalia. Defende-se que não somente a epistemologia clássica foi trazida para o campo religioso no combate aos grupos subalternos, bem como esses próprios grupos incorporaram, a seu modo, a estrutura excludente do conhecimento científico.

Palavras-chave: Pentecostalismo, Glossolalia, Razão, Exclusão, Foucault.

ABSTRACT

The power and knowledge are presented in terms of epistemological differences relations, demarcated the tensions between Pentecostals and groups heirs of Reformation. The rejection of the Pentecostal experience was based on rationalist assumptions that can be perceived since Foucault's concepts and that reveal the supposed hierarchy of knowledge questioned by the analytical perspective of decoloniality. This article studies discourses of Pentecostal movement, which the matrix of scientific frame was introduced to depreciate or to legitimize marginalized religious phenomena, such as Glossolalia. We argued that not only the classical epistemology was brought to religious field and its fight against subordinate groups, but these groups themselves incorporated, in their own way, the excluding structure of scientific knowledge.

Keywords: Pentecostalism, Glossolaly, Reason, Exclusion, Foucault.

¹ Doutor em História pela Universidade de Brasília, Professor na Universidade Estadual de Goiás. Contato: eduardo.hgs@hotmail.com.

² Mestrando em História na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Contato: fabiosousaneto@gmail.com.
Submetido em: 28/02/2020; aceito em: 30/12/2020.

Introdução

O louco é um homem que perdeu tudo, exceto a razão
G. K. Chesterton

No final de 2019, houve um confronto dentro do metrô de Recife (PE) entre uma pessoa que escutava suas músicas e uma senhora de trajes tradicionalmente pentecostais. O vídeo do que aconteceu, em 23 de dezembro, foi um desses que *viralizam* na internet. Significativo do que está ocorrendo no contexto social brasileiro, o vídeo de poucos minutos apresenta uma cena que envolve, ao mesmo tempo, um discurso de intolerância e uma representação comum acerca da loucura, associada à figura pentecostal.

Divulgado e muito comentado na rede virtual *Twitter*³, o vagão do metrô foi palco da prática comum do *evangelismo público*, ou seja, a execução de uma pregação improvisada com teor proselitista. Vê-se a senhora com cabelo preso em coque, roupas longas e uma Bíblia nas mãos caminhando pelo corredor do vagão e anunciando a necessidade de encontro pessoal com Cristo. O tema bíblico era a conversão do personagem Zaqueu, mas enquanto anuncia com voz forte, uma passageira indignada levanta sua voz, pragueja, ofende, fala palavras de baixo calão e grita: “Deixa eu escutar Beatles! Deixa eu escutar Rolling Stones!” (cf.ERNANI, 2019).

Quem estaria com a razão? Por que a acusação quase imediata de que a senhora pentecostal era uma “doida”? A *psicopatologização* não envolve somente uma experiência de transe, mas vem a reboque dos estereótipos sociológicos, dos conflitos ideológicos e religiosos que perpassam os espaços públicos. Como afirmou Sugizaki (2005, p. 1696): “a praça do mercado e as igrejas, não são lugares apropriados para loucos barulhentos”. Isso valeria para a garota que, aos gritos e xingamentos, afirmava seu direito de escutar boas músicas?

Nesse artigo observamos as posições no campo religioso pentecostal, e além dele, a partir das relações poder-saber e dos regimes de verdade gerados pela matriz epistemologia da ciência clássica. O estudo é teoricamente orientado pelas reflexões do pensador francês Michel Foucault, a partir sobretudo das releituras pós-coloniais e decoloniais latino-americanas (AGUIAR, 2016), buscando-se uma nova episteme que não esteja a serviço da razão totalitária, bem como da disciplinarização dos corpos.

A utilização deste referencial nos fez ver melhor um conjunto de normalizações que operam exclusões dentro e fora do movimento pentecostal. Esses saberes, elaborados na Idade Clássica, acabaram por perdurar em nosso próprio tempo, na reprodução do que Foucault denominara de “estrutura exclusiva” (FOUCAULT, 1999, p. 150), ou seja, formas estruturadas de segregação social repetidas cotidianamente. Por outro lado, outras formas de racionalidade subalterna que emergem do contra-discurso dos pentecostais questionam historicamente essa economia hegemônica do saber/poder.

³ Disponível em: <http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/12/25/beatles-stones-video-metro/>. Acesso em: 25/12/2019.

○ Pentecostalismo E ○ Panóptico Social

Para tratar dos pentecostalismos no Brasil⁴ devemos levar em consideração seu caráter inicialmente periférico e contestador dentro do campo religioso brasileiro. Claro que existem pontos de contato com sua origem no contexto norte-americano, onde nasceu ligado às periferias e às populações subalternas (CORTEN, 1996).

Percebemos que com o surgimento dos grupos pentecostais, os grupos herdeiros da reforma demonstraram seus dispositivos de saber-poder, construídos do período moderno. As tensões logo surgidas se deram no plano das práticas discursivas entre o normativo e o desviante, principalmente na ênfase cessacionista⁵ devido ao retorno da *glossolalia*⁶. Esse foi o fenômeno basilar do pentecostalismo clássico, de aspecto extático e fortemente emocional. Desse modo, o sistema da exclusão não visava somente aspectos teológicos, mas toda uma concepção estruturada de racionalidade.

A linguagem científica assumida no discurso regulador e normativo se constituiu como instrumento operacional de controle institucional, estudado por Foucault também para a utopia urbana (FOUCAULT, 1999, p. 150). A cidade teve seus espaços dispostos pelo discurso sanitário e as práticas da higiene pública. Mas nos sertões do Brasil, como veremos, houve registros semelhantes ao tratar-se dos grupos pentecostais, misturando saberes de áreas diversas para as reposições no campo religioso.

Foucault (2016, p.430) apontou o nascimento do homem no âmbito do século XIX, um homem essencializado, concebido dentro dos quadros da natureza. Com isso, o homem passou a ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do conhecimento. Aliás, seria bom pontuar que o discurso, na perspectiva foucaultiana seria um conjunto de enunciados historicamente localizados que para além dos códigos linguísticos, possuem “uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas” (REVEL, 2005, p. 3). Portanto, não se trata da fala, nem do pensamento.

Exatamente nesse plano histórico discursivo que podemos perceber o amplo movimento de racionalização antropológica no ocidente. O declínio da metafísica foi concomitante do avanço da sociedade disciplinar. Através do surgimento das Ciências Humanas, as práticas de classificação, organização e análise se tornaram uma *episteme* vinculada à academia.

Em seu raciocínio, o pensador francês retorna historicamente às ocorrências de peste, pois elas justificaram a formação de esquemas disciplinares. Com ironia, pode-se afirmar até

⁴ O pentecostalismo pode ser apresentado como um grande fenômeno religioso contemporâneo. Suas origens são identificadas nos EUA nos primeiros anos do século XX, a partir da irradiação provocada por Charles Fox Parham e William J. Seymour. No Brasil as primeiras representantes desse movimento foram a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, com trabalhos eclesiais iniciados no início do século XX.

⁵ Grosso modo, essa visão está baseada no argumento de que os milagres ocorridos nos primeiros tempos da igreja ficaram circunscritos à era apostólica, entre eles, a *glossolalia*. Sobre esse debate, pode-se consultar por exemplo a obra de Benjamin .B. Warfield (2012), publicada pela primeira vez em 1918. Suas constantes reedições sugerem que sua argumentação permanece em vigor em muitos grupos.

⁶ *Glossolalia* é o termo técnico para o fenômeno religioso concebido como capacidades miraculosas de falar línguas desconhecidas pelo falante, chamado ainda de “língua dos anjos”. O movimento pentecostal tem como premissa o retorno à era das primeiras comunidades cujo sinal objetivo do “batismo no Espírito Santo” seria falar tais línguas, conforme vários relatos no livro bíblico de Atos dos apóstolos.

que “os governantes sonhavam com o estado da peste”, já que seu surgimento permitia a articulação da “utopia da cidade perfeitamente governada” (FOUCAULT, 2011, p.189). Aquilo que não se acomodasse ao modelo normativo, passava a ser submetido às práticas da profilaxia, do aprisionamento e exclusão disciplinar (FOUCAULT, 2011, p.188).

Ao analisar tais modelos de exclusão e seus correspondentes dispositivos de controle social, Foucault (2008, p. 140-141), compreende que ocorreram mudanças processuais na avaliação da loucura, ganhando um *status* relevante durante o século XVII. Agora, a moralidade e a loucura passaram a ter uma relação direta. Até a Renascença, de certo modo, o louco ainda se movia com relativa liberdade. Os humanistas valorizavam a transcendência e pela loucura poderia se alcançar certa elevação, como no caso de Erasmo de Roterdã. Todavia, foi ocorrendo na Idade Moderna a mudança epistemológica básica, pela qual a loucura estaria relacionada ao desatino, à perversão sexual e até à vagabundagem. Os desajustes mentais portanto, passaram a ser pensados no plano da moral. De uma “forma visível da verdade”, passou-se ao estatuto do engano (FOUCAULT, 2007, p. 120).

Aqui pode ser localizado o germe das instituições panópticas, cujo modelo arquitetural fora planejado por Bentham em 1793. Esse ideal de disciplinar corpos e almas por meio da distribuição espacial foi a “matriz arquitetônica das prisões europeias do século XIX” (FOUCAULT, 2015, p. 59), adaptada para os hospitais, as escolas e os manicômios. O que não se adequava a normalidade foi alvo de uma política sistêmica com o intuito de ser observado, reconduzido e reorientado. As instituições panópticas tiveram essa meta primordial de serem corretivas.

Tais instituições foram produzidas por uma racionalidade e por discursos com força ainda em nosso tempo. Isso tornou-se mais evidenciado no Brasil durante a primeira metade do século XX, considerando-se o discurso médico e psiquiátrico que orientaram as campanhas sanitaristas. A Sociedade Eugênica de São Paulo, por exemplo, patrocinou projetos culturais que difundiram a obra de Monteiro Lobato, cuja análise do brasileiro do sertão ficou estereotipado na figura do Jeca-Tatu. O baiano Rui Barbosa referenda a imagem em discurso proferido em 20 de março de 1919:

Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos Urupês, de Monteiro lobato, o admirável escritor paulista? Tivestes, algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquele tipo de uma raça que, ‘entre as formadoras da nossa nacionalidade’, se perpetua, “a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso? (BARBOSA, 2010, p. 1).

O famoso jurista opera nos quadros do conceito de civilização e do positivismo. Nessa lógica se o brasileiro não for sanitizado, se permanecesse no ócio, a culpa seria dele e de sua raça. Os republicanos, como esse autor, realizam a exclusão da “evolução” e do “progresso” para objetificar o que seria o problema nacional:

... escravo continuava a sê-lo dos vícios, em que o mergulhavam. Substituiu-se o chicote pela cachaça, o veneno, por excelência, etnicida, exterminador. Trocou-se a extenuação pelo serviço na extenuação pela ociosidade e suas objeções. Fez-se do liberto o guarda-costas político, o capanga eleitoral. Aguçaram-se os maus instintos do atavismo servil com a educação da taberna, do bacamarte e da navalha (BARBOSA, 2010, p. 9-10).

Lobato, ao construir seu personagem Jeca, o faz com inclinação ideológica, à medida que deveria representar o caboclo, um tipo representativo do mal a ser erradicado. Estão caracterizadas nele a preguiça, a ignorância, ameaças que se espalham pela nação. Por ser entrave ao progresso, é visto como metáfora da doença somática e psicológica, que se espalha pela sua família, até pela sua cultura. O caboclo é uma praga e um parasita do sertão:

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização [...]. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refulgindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro [...]. Chegam silenciosamente, ele e a sarcopta fêmea, esta com um filhote no útero, outro ao peito, outro de sete anos à orela da saia – este já de pitinho na boca e faca à cinta (LOBATO, 2019, p. 145).

Outro testemunho desse *zeitgeist*, se verifica em carta endereçada ao jornal *O Estado de São Paulo*, em março de 1918. O documento foi transcrito por Valente (2010), atribuindo-se a autoria a um “Benedicto de Paula Bueno”. O teor da carta demonstra a recepção positiva da visão de Lobato e a verve ideológica da racionalidade sanitária à medida em que “seus artigos, principalmente o de hoje, são o bisturi da razão evoluída, a rasgar a pústula da nação. Drenos rasgados pela coragem moral, por onde hão de escoar as impurezas deste imenso lodaçal” (apud VALENTE, 2010, p. 106).

Foucault poder ser evocado para entender aspectos da sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Os testemunhos acima indicam a medicalização da exclusão manifestada nos discursos hegemônicos, justamente naquela acepção do corte epistemológico da loucura, agora associada a uma dimensão moral e evolutiva da nação. O pentecostalismo instalado no país nesse mesmo período será formado majoritariamente pelos supostos Jecas.

Ao explorar o mesmo contexto nacional, o brasilianista Thomas E. Skidmore afirmava que “o Brasil via então uma sucessão de cientistas que tentavam fazer um levantamento da vastidão de seu interior e de seus problemas sociais”. Em suma, para o autor, “o Brasil era um vasto hospital” (SKIDMORE, 1998, p. 116)⁷. Ao mesmo tempo se desvela uma preocupação com os sertões, como expresso por Euclides da Cunha, esse imenso interior na nação abandonado pelo governo. O discurso médico e sanitarista objetivava “educar o público no sentido de compreender que muitos brasileiros eram improdutivos por causas das doenças” (SKIDMORE, 1998, p. 117). A lógica da produção capitalista, portanto, foi se afirmando socialmente de modo concomitante à estruturação excludente da razão.

A partir das redes de vigilância e disciplina sobre a população carente vários planos urbanísticos sofreram intervenções higienistas. Os indesejados pobres e analfabetos que maculam a alma positivista da civilização em progresso haviam de ser adequados nas grandes cidades formadas. Nesse sentido, o modelo arquitetural da cidade de Goiânia, símbolo máximo da “marcha para o oeste” promovida pelo Estado, viria encarnar o espírito do panopticismo:

⁷ Na verdade, trata-se de uma expressão presente no discurso do então presidente da Academia Nacional de Medicina, Miguel Pereira, por ocasião da recepção do médico Aloysio de Castro, membro da comitiva de Carlos Chagas ao chegar de um congresso médico realizado em Buenos Aires, no ano de 1916. O discurso apresenta o argumento de uma batalha nacional para além das armas e do eixo Rio-São Paulo, ou seja: “... fora do Rio ou de S. Paulo, capitais mais ou menos saneadas e de algumas outras cidades em que a providência superintende a higiene, o Brasil um imenso hospital” (PENNA, 2008, p. 50).

A construção de Goiânia, na década de 1930, fortificava-se ao aliar ao seu projeto, a cargo de Armando de Godói e Atilio Correia Lima, às bases científicas da bacteriologia, parasitologia e epidemiologia, reforçando, nesse aspecto, um planejamento urbano que valorizasse a higiene. O plano seguia a orientação de apresentar uma cidade com condições ideais para a saúde física e psíquica de sua população (SILVA, 2013, p. 257).

Essa racionalidade produtiva, medicalizada e exclusiva ganhou os espaços do litoral e do interior. A seguir veremos que as instituições religiosas não ficaram incólumes a tal processo. As diferenças sociais, bem como a estratificação, foi acompanhada por poderes e saberes re-elaborados pelos próprios grupos subalternos. O registro científico galgou os degraus do discurso religioso para transformar-se em atalaia dos comportamentos e arma de combate.

“As coisas loucas deste mundo” e as estruturas de exclusão no pentecostalismo

A frase que encabeça o título do trabalho consta na primeira carta aos Coríntios, atribuída ao apóstolo Paulo. No início da epístola, a formação rabínica de Paulo manifesta-se a partir do conceito judaico de sabedoria, que se opõe à ignorância dos chamados gentios. Em oposição às especulações filosóficas helênicas, coloca-se o conhecimento do Deus anunciado por Cristo enquanto revelação além da razão. O recurso estilístico da antítese e do paradoxo serve para construir sua retórica do convencimento.

O início da carta aponta, assim, para duas racionalidades distintas: a do Judeu religioso, que resiste a helenização de sua cultura, e aquela própria do mundo greco-romano. Se assim for, a episteme que Paulo pretende edificar parte da revelação em detrimento da especulação, tão cara à filosofia grega, formando racionalidades que tendem à oposição. Essas oposições são caras ao protestantismo, em especial ao mundo pentecostal brasileiro.

Primeiramente, vamos apontar alguns pontos em comum entre o pentecostalismo do Brasil e o desenvolvido nos Estados Unidos da América. O início do movimento ocorreu com manifestações intensas de glossolalia, experiência extática atestada como manifestação do poder sagrado e do batismo no Espírito Santo. Outro aspecto relevante é a caracterização sócio-econômica dos participantes do movimento, que podem ser chamados de marginalizados de modo geral. Gedeon Alencar (2010), numa releitura do famoso cronista esportivo Nelson Rodrigues, chega a desenvolver uma espécie de estereótipo sociológico reconhecido como uma “síndrome de marginal”, que aplica à Assembleia de Deus em seus estudos.

Os pentecostalismos desenvolveram-se no meio de pessoas marginalizadas por suas origens étnicas, devido à situação de pobreza, por não terem bom nível de educação formal. O consolo estava na auto-representação afetiva de que estavam Deus, o mesmo Deus paulino que havia escolhido os loucos para tornarem-se sábios e os fracos para confundirem os poderosos (1 Coríntios 1,27).

Interpretando o movimento a partir das relações do poder com o saber, conforme dissecadas por Foucault, percebe-se o dispositivo de exclusão das diferenças enquadradas enquanto ameaça à manutenção da normalidade. Isso pode ser encontrado facilmente na literatura de cunho pentecostal por meio das relações binárias entre ortodoxia e heresia, que muitas vezes encobrem divergências do plano sociológico.

Tendo em vista o espaço reduzido de um artigo, vamos demonstrar esse princípio em combates ocorridos nas páginas do principal periódico publicado pela Assembleia de Deus, o

Mensageiro da Paz⁸. Em 1970, foi publicado um artigo do pastor Francisco Assis Gomes, que escrevia com regularidade, intitulado *Trinidade divina*, um tema importante da teologia sistemática. Nele, o autor diz que:

Já agora, quando se tem julgado que a coisa está mudada, aparecem teólogos novamente enciumados da obra pentecostal que na sua antipatia a ela, sem ter se tornado originais em terminologia. Anteriormente lhe aplicavam os títulos: Pentecostais, pentecostistas, pentecostalismo e pentecostalianos. Agora inventaram um novo termo: pentecostóide. Já se vê, a invenção desse termo apavorante que traz sentido de doença, tem sua raiz no excesso de pentecostofobia, isto é, medo de pentecoste (GOMES, 1974, p. 4).

Essas representações negativas sobre o campo religioso assembleiano não eram uma novidade no periódico, onde as tensões emulam de lutas por maior espaço, posicionamento na denominação e legitimação da autoridade discursiva. Outros exemplos, seriam os enunciados contidos no editorial do Mensageiro da Paz, n.2 de 1974, onde o inimigo era o sacerdócio romano representado como “perseguidor, prepotente, intolerante e pedante” (SILVA, 1974, p. 2), enquanto a imagem poderia ser muito bem um reflexo do próprio grupo no espelho. Entretanto, o novo do artigo do Pastor Francisco Gomes é notado no campo da formulação de conceitos, positivos e negativos.

A classificação por nomes e rótulos, como se sabe, é fundamental no estabelecimento dos vínculos sociais. A alusão ao termo “pentecoste” está acompanhado do sufixo “oide”, que se origina do grego *eídos* = forma ou contorno. A análise do discurso costuma ressaltar o “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2015, p.20) e tal neologismo carrega uma forte carga semântica pejorativa, obviamente rejeitada pelo autor.

Ora, o sufixo “oide” é proveniente do discurso da medicina do século XIX, utilizado, em particular, pelo médico britânico John Langdon Down quando estudava as características físicas e psíquicas dos portadores da síndrome que atualmente leva seu nome (Síndrome de Down). Dessa forma, o médico utilizou da classificação provinda da antropologia física “raça mongol”, do naturalista Johann Blumenbach, e reformulou o termo para classificar os afetados pela síndrome com os nomes de “mongoloide” ou “idiotia mongol” (cf. MOREIRA, 2000, p. 96). O termo, posteriormente, foi criticado e acabou por cair em desuso na linguagem médica, contudo a carga pejorativa permaneceu insistente.

A análise do discurso opera mais com a questão dos sentidos do que com a análise da leitura, lembrando Orlandi (2015, p. 23), e a linguagem se constitui porque faz sentido aos sujeitos envolvidos, ganhando historicidade. Sendo assim, o neologismo “pentecostóide” se aproximaria da classificação antropológica do século XIX, ressignificada como uma doença, que sobrevive eivada por preconceitos sociais. O sufixo remete à herança classicista, que politizou o recurso à diferença e levou à progressiva marginalização de outras racionalidades postas sob o signo da loucura. O pentecostóide, portanto, seria um doente, seria aquele em que a razão está ausente.

Em outro registro, aponta-se o fenômeno da *glossolalia*, os sons ou frases aparentemente desconexas, como se fossem a comprovação objetiva dessa desrazão. Os sons vocálicos denotariam os transtornos mentais que contrariam o *regime de verdade* posto pelo discurso médico, coligada com a semântica imposta pelas forças hegemônicas. A construção

⁸ Considerado o órgão oficial deste grupo religioso, é publicado desde 1930.

“científica” da loucura tornou-se um estigma de rejeição. O articulista citado se insere naquela constatação de Foucault pela qual:

A exclusão da loucura é, portanto, o ato fundamental na organização do regime de verdade, de um regime de verdade que terá a propriedade particular de tal forma que, quando for evidente, a gente se inclinará, que terá como propriedade particular que o verdadeiro em si é que constringerá o sujeito, a se inclinar [FOUCAULT, 2014, p. 90].

O pastor Francisco Gomes revela profundo ressentimento com tal estigmatização e parte para a denúncia. Segundo ele, havia um livro em circulação havia cerca de dez anos cujo conteúdo explorava exatamente os tons depreciativos. O autor reproduz parte do texto daquela obra, destacando os pontos nevrálgicos:

Foi escrito um livro em São Paulo, cujo pensamento do autor, seria que ele servisse de estopim ou dinamite para acabar com o Movimento Pentecostal, que, sem nenhum pejo, zomba dos pentecostais lhes arremedando o falar língua do seguinte modo: “laralaque, laque, laque, lique, lique, lique, lique. Salalaque, laque, laque, lique, lique, lique, lique. Salalaque, mamauá, mamauá” ... o autor sarcástico e zombeteiro diz que este fenômeno de falar língua “a todos escandaliza e ofende”, causa repugnância a quem o ouve e vê, [...]; O livro foi escrito em 1964 e até hoje nada conseguiu e jamais conseguirá. A obra é de Deus, e Ele mesmo é quem diz: “Operando Eu, quem impedirá?” Não há quem a possa interromper [GOMES, 1974, p. 4].

Para o articulista, a questão extrapolava o campo da escrita e das obras, pois nas reuniões fraternais entre as igrejas evangélicas os “doutores e reverendos denominacionais” mantinham óbvia distância dos pastores pentecostais. A partir dessa argumentação, o pastor assembleiano indica como a rejeição da experiência pentecostal parece estar assentada nos pressupostos racionalistas estudados por Foucault. Presume-se existir uma hierarquização epistemológica na qual os saberes do classicismo ainda imperariam nas instituições religiosas tradicionais, os grupos religiosos dos “doutores” que se achavam os herdeiros legítimos da tradição protestante.

Retornando aos anos setenta, outro artigo do Mensageiro da Paz retoma a linguagem médica. Escrito por Antônio Teixeira Nunes, o texto foi intitulado de *Igreja: tribunal ou clínica?* Na argumentação, o escritor reforça a aproximação com o regime de verdade clássico, pois a própria clínica médica é concebida como uma metáfora da Igreja verdadeira. Ela é descrita como “elemento atuante, modelador de caracteres [...] A Igreja, ao invés de tribunal deve ser clínica, onde se ministram os mais salutaros remédios aos doentes” (NUNES, 1970, p. 2). Aliás, o elevado conceito do clínico pode ser observado nas declarações:

Clinica é o lugar onde os médicos exercem atividades profissionais, em favor dos seus clientes – e também significa tudo aquilo que pode aliviar os sofrimentos morais, que abranda os males da alma, que refocila espírito e o corpo; é socorro, é auxílio (sic) (NUNES, 1970, p. 2).

Note-se que a defesa da instituição religiosa rejeita o pejo da loucura ressaltando a aproximação do plano da moralidade, processo identificado por Foucault, aqui já referido. Se

chegavam doentes, as pessoas recebiam a cura da igreja, tanto psíquica, quanto somática e ética.

Retornemos a outro documento do pastor Francisco Gomes, para demonstrar a incorporação do regime de verdade clássico. Em artigo publicado em março de 1970, ante a acusação de que o dogma da Trindade seria uma invenção da Igreja Católica Romana, o articulista argumenta defendendo o dogma e interroga a partir do texto bíblico do final do Evangelho de Mateus: “Quem nos evidencia aqui a Trindade, o papa ou Jesus? Negar alguém que não foi Jesus, é ser digno de compaixão, merecendo ser conduzidas ao manicômio; sim, porque é pessoa que sofre gravemente de loucura” (GOMES, 1970, p. 7). O valor da dicotomia entre razão e desrazão é invocado para, então, reforçar seus próprios argumentos e excluir os demais.

Passemos a um tempo mais próximo para averiguar possíveis modificações nessa episteme. Um caso importante provém da apreciação negativa feita sobre o pentecostalismo feita pelo conhecido escritor reformado John MacArthur Júnior. Em avaliação da experiência pentecostal, o autor afirma que: “eles abordam a vida cristã sem a mente, sem pensar, sem usar o entendimento” (MACARTHUR JR, 1992, p. 48). A argumentação elaborada por MacArthur parte do conceito protestante de revelação como sendo prioritariamente objetivo e propositivo, atingindo basicamente a mente. Com isso, seu efeito se desdobraria de modo eminente sobre a razão. As experiências emocionais e os sentimentos expressos comumente nas celebrações dos grupos pentecostais seriam um desvio da verdade.

Synan (2009, p. 230) estudou os posicionamentos anti-pentecostais no contexto do avanço carismático, sobretudo a partir do posicionamento de B. B Warfield, em sua defesa cessacionista. Antes, porém, é preciso pontuar que o cessacionismo tem contornos históricos e teológicos tendo em vista o movimento da Reforma Protestante. Desse modo, não seria gratuita a apreciação do caráter predominantemente racional do protestantismo, “pois, só com uma transformação radical do sentido de toda a vida, a cada hora e a cada ação, o efeito da graça podia se comprovar como um arranque do *status naturae* rumo ao *status gratiae*”, segundo Max Weber (2004, p. 107).

Nessa transformação, ensina Weber (2004), é que se manifesta a racionalização, pois toda vida é perpassada pela reflexão constante, como forma de transcender e superar o *status naturae*. Michel de Certeau (2011, p.205) vai ainda mais longe, ao afirmar que a única experiência não racional ou que escapa a racionalidade reformada seria por meio da música, por guardar vestígios das mística medieval.

Portanto, se Foucault (2016) estiver certo, é importante pontuar que o tipo de racionalidade do século XVI destoa das racionalidades pós-cartesianas. Um exemplo disso é que a operação dos signos até o final da Renascença seria a de um ser no mundo, ou “figura do mundo, [...] depositados sobre as coisas para que os homens pudessem desvendar seus segredos” (FOUCAULT, 2016, p. 80-81). Tal tipo de racionalidade, embebecida de boa dose de humanismo, admitia a confluência da erudição com a experiência do sagrado. A revolução científica do século XVI jamais abandonou os quadros da magia, demonstram os estudos de Eugênio Garin (1991).

Uma carta atribuída a Petrarca, narrando sua escalada ao monte Ventoux, por muito tempo foi tomada como símbolo de uma guinada estética para o naturalismo. Contudo, Peter Burke, ao prefaciá-lo livro de Burckhardt *A Cultura do Renascimento na Itália* (2009), lembramos o equívoco dessa leitura. Conforme Burke, pesquisas recentes apontam que no documento atribuído a Petrarca o autor poeticamente se utiliza somente de “uma alegoria para significar a ascensão da alma até Deus” (BURKE, In: BURKHARDT, 2009, p. 30).

Interessante, é que o professor de literatura inglesa medieval de Cambridge, mais conhecido como C. S. Lewis (2015, p. 40-41), havia declarado décadas antes que essa seria uma

forma literária recorrente nos cânones do ocidente. O tema da ascensão a Deus poderia ser autores clássicos, a exemplo de Dante, Chaucer e na primeira obra literária da modernidade: *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes. A personagem, por sinal, perambulando na loucura, retorna ao final da vida aos domínios da razão, mas isso é concebido como algo negativo, repudiado por todos os seus amigos. Ele perde o entusiasmo, o amor pela vida de aventuras, e o desfecho da recuperação do juízo foi “deixar-se morrer nas mãos da melancolia” (CERVANTES, 2018, p. 237).

Retornando ao século XX, o historiador Vinson Synan (2009) traz algumas informações importantes relacionadas aos debates norte-americanos acerca da experiência pentecostal. Ele estuda as relações conflituosas dos líderes das igrejas protestantes históricas com os líderes do movimento carismático e grupos do pentecostalismo. O caso de um pastor presbiteriano relaciona-se diretamente ao tema em foco. Tratava-se do Rev. George C. Bradford, que ao experimentar o fenômeno da *glossolalia* foi submetido a dois processos de confrontação e tentativa de exclusão.

No primeiro, o sacerdote foi levado a um psiquiatra para tratamento, no esforço do grupo reformado em garantir um diagnóstico de “loucura”, pois entenderam “que ele precisava de aconselhamento psiquiátrico” (SYNAN, 2009, p. 235). Ainda que se rejeite a narrativa de tons ufanistas feita por Synan, o relato coloca o malogro da intenção pois o próprio profissional contatado aceita esse tipo de experiência. Na nova tentativa feita, com outro médico de concepção científica estrita, se conseguiu o esperado diagnóstico, por meio do qual fizeram o processo de exclusão do ministro.

Essa acusação se insere no quadro maior da tentativa de psicopatologizar o pentecostalismo como um todo. As exclusões institucionais, devido a tal motivo, se repetem, demonstrando a microfísica do poder que operou, mas ao mesmo tempo as micro-resistências de tantos líderes e grupos que surgiram. Logo, as pequenas concessões e rearticulações discursivas começaram a surgir, permitindo-se a lenta pentecostalização de muitos grupos considerados herdeiros legítimos da Reforma Protestante.

No caso particular do “dom de línguas”, o pesquisador português José Manuel Brissos Lino chamou a atenção para as pesquisas produzidas no âmbito da psicologia e da psicanálise.. O pesquisador apontou que houve, por muito tempo, uma tendência dentro da comunidade científica em psicopatologizar a prática glossolálica. No entanto, em sua pesquisa, concluiu afirmando que tal associação é bastante questionável:

De seguida, tentámos perceber se haveria ou não qualquer prevalência psicopatológica significativa entre os glossolalistas, por contraste com os não glossolalistas. Deste modo se compreenderia se o fenómeno deveria ser analisado no campo psicopatológico ou não. Face aos resultados, a nossa conclusão é a de que não existem diferenças significativas entre os dois grupos. Pelo contrário, os glossolalistas apresentaram até melhores resultados em várias subescalas da escala BSI. Ou seja, os resultados permitem considerar que a prática da Glossolalia pode ter uma influência positiva nos falantes, no sentido de serem pessoalmente mais afirmativos, e com maior capacidade de adaptação e integração social. Em linha com a nossa hipótese geral (onde não vislumbrávamos diferenças significativas entre os dois grupos) e sobretudo ao contrário do que alguns investigadores pensavam até meados do século passado (conceito que veio a ser rectificado posteriormente, através de investigações mais cuidadas, diversificadas e predominantemente empíricas), não se regista qualquer

evidência patológica negativa relacionada com a prática da Glossolalia (sic) [LINO, 2014, p. 201-202].

Esse fenômeno tem assombrado os próprios autores que estudaram sociologicamente o movimento pentecostal no Brasil. A experiência tão forte das *línguas estranhas* costuma ser citada, às vezes até descrita, para logo a seguir ser silenciada. Conforme Quadros,

o investigador se faz de surdo. Caso exemplar ocorre com o estudo de David Martin intitulado *Línguas de Fogo*. O estudioso defende explicitamente nesta obra, apesar do título, que debater o êxtase dos pentecostais estaria fora do campo das Ciências Humanas (1990, p.172). Assim, a glossolalia é sempre fruto de uma *fraqueza*, que pode ser da razão, do poder, do prestígio, mas nunca é da própria forma de abordá-la. Será que esse Deus, experimentado com tanta intensidade, não tem espaço no mundo tecno-científico dos *fortes*? [QUADROS, 2018, p.95]

Urge na contemporaneidade a escuta de outras vozes, dar sentido a outras lógicas e racionalidades, principalmente privilegiar experiências dos sujeitos marginalizados nos discursos científicos. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos abordou com pertinência o peso da experiência ao discorrer sobre a crise dos paradigmas após a década de 1980 do século passado. As muitas formas de positivismo criptografadas não se sustentam mais. O autor apresenta as posições de diversos intelectuais, tendo em vista o esgotamento dos discursos científico tradicional, para propor seu projeto epistemológico com ênfase nas “experiências das vítimas, dos grupos sociais que tinham sofrido com o exclusivismo epistemológico da ciência moderna” (SANTOS, 2008, p. 17). Ele alerta, ainda, para ter-se um olhar crítico sobre as sociedades de que fazemos parte, para os nossos “padrões e a discriminação social que neles vigoram” [SANTOS, 2008, p.19]. Fazemos coro com esse autor e outros defensores da *razão pós-colonial*.

A desconstrução da economia do saber-poder ocidental segue na esteira discernida por Foucault. Seria um problema de ordem epistemológica que nos atinge, uma vez que haveria um quadro hegemônico de discriminação efetuado por um saber bancado pelo sujeito universal europeu, em detrimento das outras vozes tornadas marginais. A permanência dessas assimetrias podem ser verificadas sob inúmeras estruturas de exclusão, muito além da tradicional desigualdade econômica que move o capitalismo.

Nesse sentido, é que a virada epistemológica sugerida pelo “giro decolonial latino-americano” [cf. AGUIAR, 2016] representa no plano metodológico a valorização da escuta dos sujeitos religiosos, cujo conhecimento tem plena legitimidade acadêmica, ainda que seja difícil receber a chancela da ciência moderna. Não é fácil ser autocrítico, muito menos revelar os próprios pressupostos. Contudo, tal demanda não provém dos intramuros universitários, mas das dinâmicas sócio-religiosas do mundo globalizado.

A *estrutura exclusiva* apontada nesse artigo confere prestígio no mesmo grau em que renega outras lógicas de sobrevivência. Não se trata, agora, de inverter os esquemas e recair em um *basismo* infrutífero, mas questionar a metanarrativa totalizante que compôs a ciência moderna. Isso leva a perceber melhor o quanto as pesquisas elaboradas nos quadros da academia, até nas instituições de excelência, compõem o jogo involuntário das forças de dominação.

Considerações finais

As reflexões aqui realizadas traçaram uma leitura parcial do campo religioso brasileiro, focando no movimento pentecostal. Demonstrou-se a partir de sugestões teóricas feitas por Michel Foucault, sobretudo, como os debates do grupo invocaram noções básicas da racionalidade científica moderna. A hipótese apresentada foi que as tensões no campo religioso, com a inserção do pentecostalismo, demonstrariam dispositivos de repressão articulados pela relação saber-poder.

Os conflitos se manifestaram no plano do discurso entre o normativo e o desviante, o saudável e o doentio, principalmente na ênfase cessacionista e no detrimento da *glossolalia*. Desse modo, a epistemologia excludente, de raízes clássicas, se manifestou diversas vezes nas páginas de órgãos pentecostais, a exemplo do periódico oficial da Assembleia de Deus no Brasil.

A hipótese inicial, portanto, acabou por demonstrar que grupos inicialmente marginalizados, como pentecostais, também reconheciam a mesma racionalidade em que operava o jogo da exclusão, confirmando, à sua maneira, o regime de verdade hegemônico que simultaneamente os rechaçava. Os “loucos” continuaram discursivamente discriminados. Se não eram enviados mais aos manicômios, a segregação apologética procurou delimitá-los em espaços de reclusão alvo da economia saber/poder.

Nos traços genealógicos demarcados, encontrou-se como, estranhamente e de forma imediata, a elite pentecostal incorporou uma ordem discursiva que negava a validade de sua mística fundante. Outras vezes, tal ordem era invocada para a defesa de sua legitimidade salutar perante os demais do campo religioso. A hierarquização epistemológica despertada fez ver como as críticas pós-coloniais e decoloniais indicam, atualmente, caminhos importantes para novos paradigmas que valorizem as vozes dissonantes e, até, o *sem sentido* glossolálico.

Seria possível abordar a experiência pentecostal sem estar assentado nos pressupostos racionalistas? De que modo a epistemologia da ciência clássica ainda impera nos grupos religiosos? E em nosso olhar, supostamente, acadêmico? Quem teima em ter (a) razão? Buscando escutar os silêncios que entremeiam as falas, é necessário estar atento contra a estrutura exclusiva que, ainda, nos envolve.

Referências

AGUIAR, Jorisma D. N. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica? *Revista Estudos de Sociologia*, São Paulo, vol.21, num.41, jul.-dez. 2016, p.273-289.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: Origem, implantação e militância* (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BARBOSA, Ruy. *A questão social no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Sociais, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zrvn9/pdf/barbosa-9788579820748.pdf>

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2002.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Adaptação de Marcelo Montoza. Cotia: Pé da Letra, 2018.

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ERASMO, Desidério. *Elogio da loucura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- ERNANI, Felipe. *Beatles, Stones e um vídeo genial que viralizou nos últimos dias: um "confronto" entre uma religiosa e uma roqueira criou situação hilária em metrô brasileiro. Tenho mais discos que amigos.* [s.l.] 2019. Disponível em: <http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/12/25/beatles-stones-video-metro/>. Acesso em: 25/12/2019.
- FOUCAULT, Michel. *A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972-1973)*. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2015 (Coleção obras de Michel Foucault).
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 23.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GARIN, Eugenio. *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- GOMES, Francisco Assis. Triunidade divina: realidade ou invenção? Rio de Janeiro: *Mensageiro da Paz*, n. 6, p. 4-7, março de 1970.
- GOMES, Francisco Assis. Operando eu, quem impedirá. Rio de Janeiro: *Mensageiro da Paz*, n. 5 de 1974.
- GRANCONATO, Marcos. *O Pentecostalismo e seus Danos à Igreja de Deus*, 2013. Disponível em: http://www.igrejaredencao.org.br/ibr/index.php?option=com_content&view=article&id=1083:o-pentecostalismo-e-seus-danos-a-igreja-de-deus-parte-1&catid=17:pastoral&Itemid=114#.XiHBtMhKi00. Acesso em: 26/12/2019.
- LEWIS, C. S. *A imagem descartada: para compreender a visão medieval do mundo*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- LINO, José Manuel Brissos. *O fenómeno da glossolalia e suas implicações psicossociais*. Tese (Doutorado em psicologia). Universidade Livre de Lisboa. Lisboa, 2014.
- LOBATO, Monteiro. *Urepês*. São Paulo: Editora Lafonte, 2019.

- MACARTHUR JR, John. *O caos carismático*. São Paulo: Editora Fiel, 1992.
- MARTIN, David. *Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990.
- MOREIRA, L.M.A. *A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético*. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2000; 22(2), p. 96-9.
- NUNES, Antônio Teixeira. Igreja: Tribunal ou Clínica? Rio de Janeiro: *Mensageiro da Paz*, n. 6, março de 1970.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- PENNA, Lincoln de Abreu (org.). *Manifestos Políticos do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.
- QUADROS, Eduardo G. de. Uma fraternidade incompreensível: a experiência fundante do pentecostalismo. In: BARBOSA, Carlos A. C. (org.). *Experiência pentecostal: nos limites da razão*. São Paulo: Editoria Reflexão, 2018, p.83-98.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Do Pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro*. Travessias - Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, 6/7. 2008.
- SILVA, Leicy Francisca da. *Eternos órfãos da saúde: medicina, política e construção da lepra em Goiás (1830-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013.
- SUGIZAKI, Eduardo. O grito de um louco: Nietzsche e a morte de Deus. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v.15 n.11. p. 1695-1707, nov. de 2005.
- SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- VALENTE, Tiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110758>. Acesso em: 26/12/2019.
- WARFIELD, Benjamin B. *Counterfeit Miracles*. Oxford, UK: Banner of Truth, 2012.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.